

Contextos e práticas funerárias da idade do Bronze na Serra da Freita (centro-norte de Portugal). Túmulos, pastores e metalurgistas

Bronze age funerary contexts and practices in the mountains of Freita (Centre-North of Portugal): Tombs, shepherds and blacksmiths

Edite Sá

Universidade do Minho

editesa@gmail.com

Resumo

Neste trabalho dão-se a conhecer os resultados da investigação levada a cabo num núcleo de pequenos monumentos sob *tumuli* de tradição megalítica localizados na serra da Freita, concelhos de Vale de Cambra e Arouca, Portugal, que cremos da Idade do Bronze. No que diz respeito às arquiteturas, constatamos a existência de grande variedade nas tipologias construtivas dos montículos e das câmaras, assim como a policromia de muitos montículos, resultante do uso de diferentes materiais geológicos. Verificámos, também, que se localizam em lugares liminares, nas proximidades de lameiros e de recursos de cassiterite de coluvião. Tais elementos permitiram interpretações sobre o universo de crenças destas comunidades e dos seus modos de vida, admitindo o seu carácter animista e o facto de serem pastores e, possivelmente, metalurgistas.

Palavras-Chave

Idade do Bronze, Monumentos sob *tumuli*, Arquiteturas, Cosmologias, Modos de vida.

Abstract

In this paper we acknowledge the results of the research carried out in a nucleus of small monuments under a megalithic mound, located in the hills of Freita, in the municipalities of Vale de Cambra and Arouca, Portugal, that we ascribed to the Bronze Age. With regard to the architectures, we find a great variety in the typologies of mounds and chambers, as well as a great polychromy in the hillocks resulting from the use of different geological materials. We also noticed that they are located in liminal places, near marshes and resources of colluvium cassiterite. These elements allow for interpretations regarding the universe of beliefs of these communities and their ways of life, recognizing their animistic character and the fact that they were shepherds and, eventually, metallurgists.

Key words

Bronze Age, Monuments under tumular mounds, Architectures, Cosmologies, Ways of life.

■ Data de envío: 29-09-2014

■ Data de aceptación: 15-01-2015

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é o de dar a conhecer os resultados obtidos com o estudo de nove monumentos sob *tumuli* de tradição megalítica, localizados no Centro – Norte litoral de Portugal, particularmente na serra da Freita, nomeadamente nos seus aspetos arquitectónicos, na sua inter-relação com o espaço em que foram construídos, os modos de vida dos seus construtores e o seu universo das suas crenças e conceções sobre a morte.

Este trabalho foi realizado no âmbito da nossa dissertação de mestrado, intitulada *Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na Serra da Freita (centro-norte de Portugal)* que, por sua vez, se integrou no projeto de investigação *Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte Rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das ações aos significados* - ENARDAS (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009).

Três dos *tumuli* incluídos neste estudo tinham sido já escavados entre 1991 e 1994 por Fernando Pereira da Silva, entretanto falecido, sem que a sua publicação monográfica se tenha efetuado, tendo, apenas sido referidos sumariamente em artigo de síntese (PEREIRA DA SILVA, 1997) ou de divulgação (*Idem*, 2004). Recentemente, um deles foi publicado por nós em termos monográficos (SÁ, 2014b), além de termos escavado um outro, no âmbito da nossa dissertação de mestrado (*Idem*, 2014a) que, também, já se encontra publicado (SÁ *et al.*, 2014).

CONTEXTO FÍSICO

A serra da Freita integra-se nos Planaltos Centrais do Centro-Norte do Litoral português, no designado Maciço da Gralheira (GIRÃO 1922), entre as bacias hidrográficas do Douro, a norte, e do Vouga, a sul (Fig. 1).

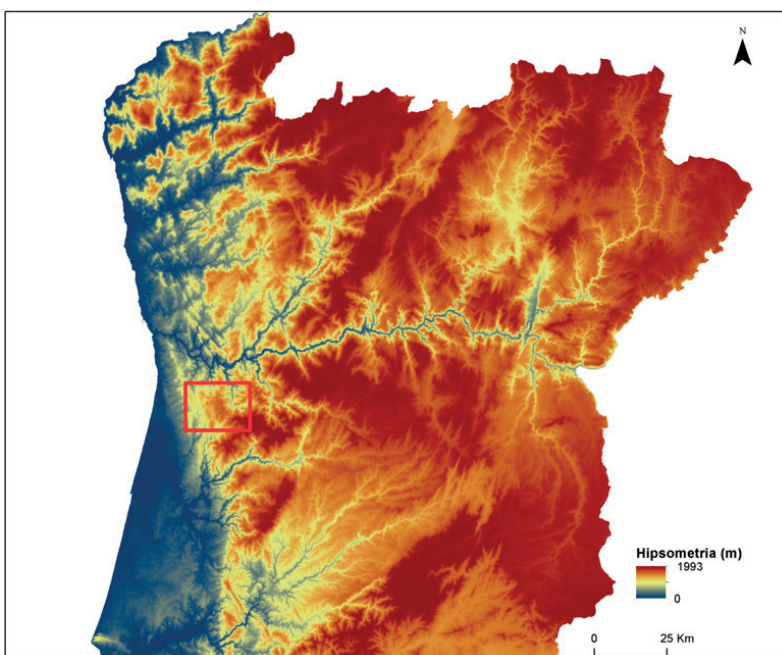


Figura 1. Localização da serra da Freita no mapa hipsométrico do Centro e Norte de Portugal.

Litologicamente, aí predomina o chamado xisto das beiras, com intrusões de granitos de duas micas, a par da abundância de ocorrências de massas e filões de quartzo, conferindo à paisagem uma grande impressividade (ROCHA 2008). Os xistos são formados na sua maioria por filitos embora também ocorram micaxistos, principalmente no contacto com os granitos. Nos xistos pode ainda observar-se a ocorrência de quartzo leitoso de exsudação, por vezes com *filmes* de goethite ou de ilmenite em patines ou fissuras (AGUADO *et al.* 2005). Ainda de referir a ocorrência de possantes filões de quartzo de cor branca (quartzo leitoso), por vezes com tons levemente alaranjados devido à presença de algum ferro na sua constituição. Observa-se, ainda, nos xistos a ocorrência de pequenos níveis de anfibolitos. Trata-se de uma área abundante em recursos mineiros, mais concretamente a volframite, o estanho e a calcopirite.

O núcleo de nove *tumuli* em estudo localiza-se na fronteira entre os concelhos de Arouca e de Vale de Cambra, no distrito de Aveiro, na extremidade su-sudoeste dos planaltos superiores da serra, a altitudes entre os 1001 e 1017 m, numa das suas linhas de cumeada, em áreas onde aflora abundantemente e impressivamente o granito, o xisto e o quartzo (Fig. 2). Trata-se de uma zona de solos pobres, perto de lameiros e de cursos de água, usada tradicionalmente para a pastorícia de bovinos e de ovicaprinos. É ainda rica em recursos mineiros de cassiterite de coluvião.

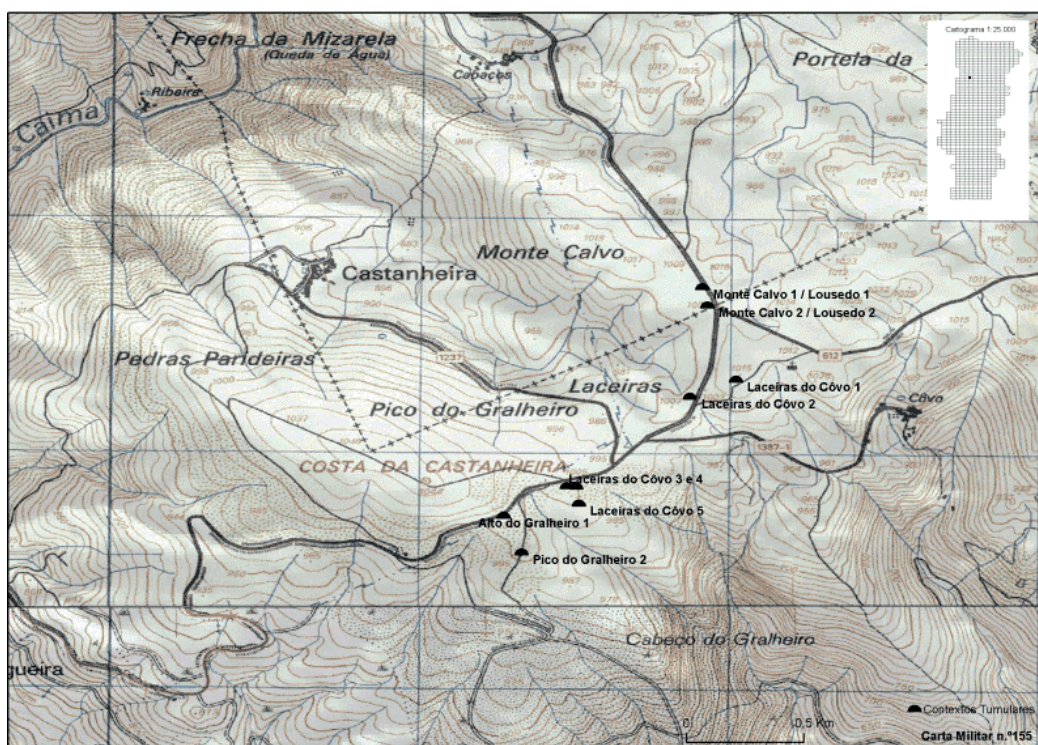


Figura 2. Mapa de distribuição dos monumentos funerários em estudo na Carta Militar de Portugal, nº 155, escala de 25:0000. Malha da quadrícula: 1 km.

É, também, uma área de grande abrangência visual quer para parte dos planaltos superiores da serra, como para áreas mais deprimidas onde se acumularam solos com potencialidades agrícolas. Em último plano avistam-se os vales dos rios Caima e Teixeira, afluentes do Vouga e os relevos das serras do Caramulo e da Arada.

MONUMENTOS SOB *TUMULI*

O monumento de **Monte Calvo/Lousedo 1¹** foi escavado nos anos 90 do séc. XX por Pereira da Silva da qual resultou apenas um relatório científico, inédito (PEREIRA DA SILVA 1991) e breves referências (*Idem* 1997; 2004). Da leitura destes textos e da observação de campo, ressalta uma estrutura monticular de tipo *cairn* composto, maioritariamente, por granitos, alguns micaxistos e quartzos leitosos, todos eles dispostos de forma aleatória, embora pela planta apresentada no relatório pareça existir uma concentração de blocos de granito, de maior porte, em redor da área central (Figs. 3 e 4). O arqueólogo refere, ainda, a existência de um círculo lítico externo (*Idem, Ibidem* 1997; 2004). O monumento tem entre 8 a 9 m de diâmetro por 0,50 m de altura.

Segundo o referido relatório, a pouca terra decapada durante a escavação e existente sob a couraça pétrea, teria resultado, essencialmente, da ação natural, nomeadamente de infiltrações da vegetação e da terra humosa provocada pela precipitação, tendo este autor considerado que o monumento seria formado integralmente por uma massa pétrea de tipo *cairn*, sobre o substrato xistento.

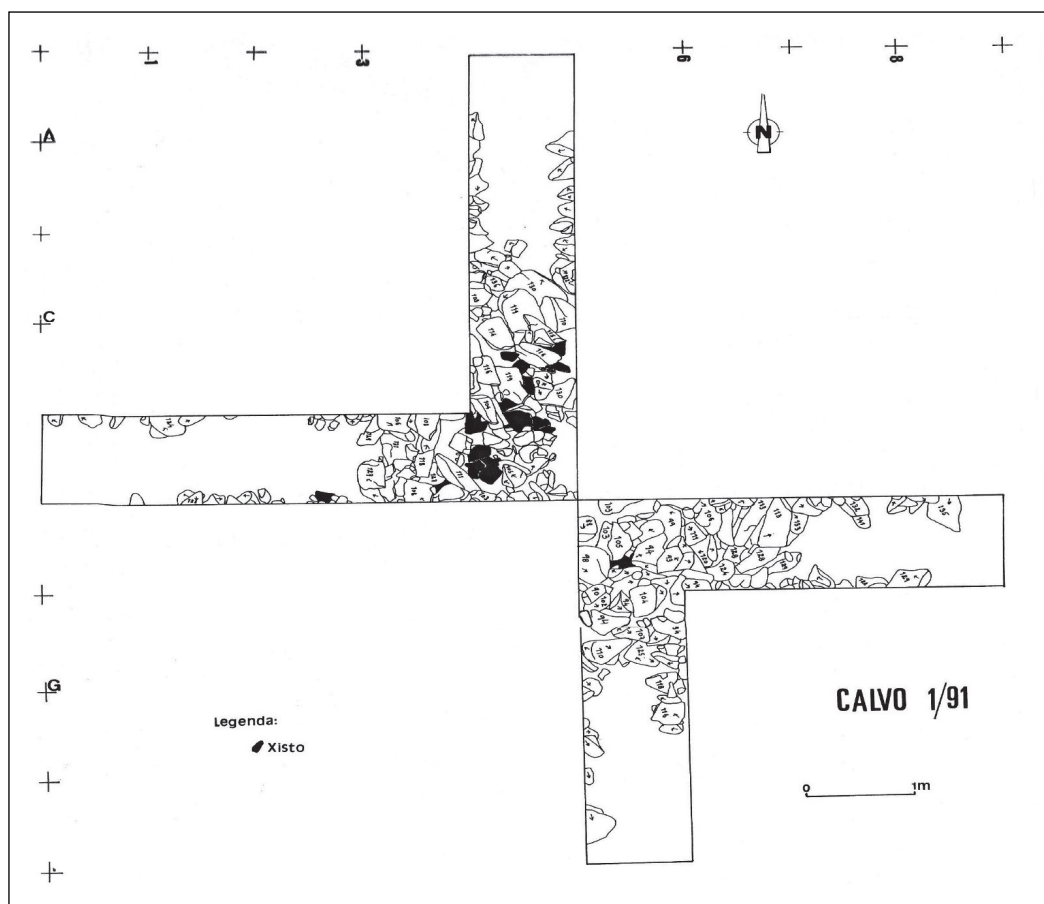


Figura 3. Planta de Monte Calvo 1/Lousedo 1 segundo o relatório inédito de PEREIRA DA SILVA (1991).

1 Designação popular do local. A de Monte Calvo, mais conhecida na bibliografia arqueológica, é desconhecida pelas populações serranas.

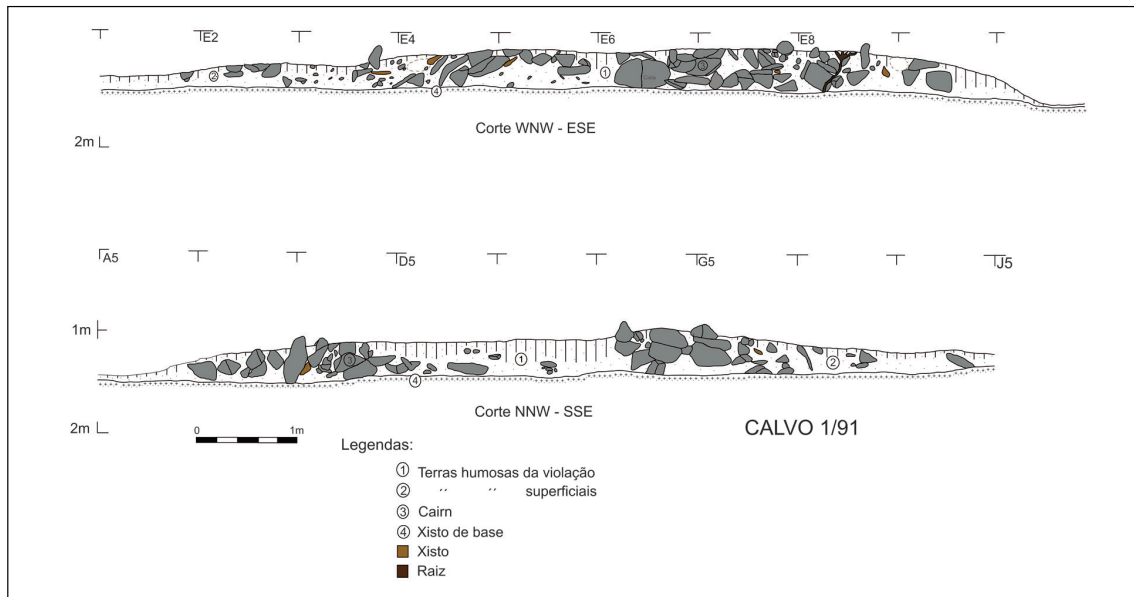


Figura 4. Perfis estratigráficos de Monte Calvo/Lousedo 1 (adaptado de PEREIRA DA SILVA, 1991).

Algures a nascente do montículo, perto da câmara, foi encontrada uma laje de granito fincada na vertical gravada com um podomorfo de um mamífero da família dos ungulados, em baixo relevo, na parte média da laje (Fig. 5). Esta foi por nós estudada no Centro de Arqueologia de Arouca, onde está depositada. É de granito moscovítico e biotítico com um filonete de quartzo. As suas dimensões revelam uma altura máxima de cerca de 45 cm, uma largura máxima de 40 cm, espessura máxima de 11 cm e mínima de 7 cm, não tendo sido extraída de nenhum afloramento.



Figura 5. Laje com podomorfos encontrada no tumulus (seg. PEREIRA DA SILVA 2004; SILVA *et al.* 2009) (à esquerda). Decalque da laje gravada (à direita).

O podomorfo foi, na altura, levantado pelo método do bicromático mas como não possuímos o desenho das mesmas, optámos por fazer um novo decalque com o auxílio de plástico polivinilo. Através deste estudo apurámos que a depressão 1 (a da direita) mede 9 cm de comprimento por 4,5 cm de largura e a depressão 2 (da esquerda) mede 7 cm de comprimento por 3 cm de largura (Fig. 5). De acordo com a observação e as medidas por nós feitas a pegadas de gado bovino de raça arouquesa, existentes na serra da Freita, julgamos que as duas depressões em baixo relevo, representam apenas uma pegada de bovívdeo e não um podomorfo geminado, como anteriormente foi assumido (SILVA *et al.* 2009).

Na área central do monumento, teria existido uma cista de planta e dimensão desconhecidas, mas pequena e baixa, segundo as dimensões da única laje de granito encontrada (Fig. 6²).



Figura 6. Aspeto geral da escavação após a decapagem inicial das diferentes sanjas e da área central do monumento, onde se pode observar uma das lajes da cista (Fots. de Pereira da Silva).

Na sanja este, provavelmente resultantes da violação do monumento, foram encontrados 38 pequenos fragmentos cerâmicos de um só recipiente (PEREIRA DA SILVA 1997). Durante a sua análise, constatamos que estavam em mau estado de conservação, com as arestas roladas e que eram constituídos apenas por panças que não colavam entre si, pelo que não foi possível apurar qualquer forma. No sector norte, sobre o xisto de base, e antes da construção do *tumulus*, terá sido depositado um nódu-lo de biotite proveniente dos granitos da Castanheira, localmente conhecido por pedra parideira.

Em **Monte Calvo 2/Lousedo 2** as escavações levadas a cabo por Pereira da Silva revelaram um *tumulus* de tipo *cairn*, constituído, na sua maioria, por granito, alguns calhaus de quartzo leitoso e raros blocos de xisto. Era delimitado, pelo menos em parte, por um anel periférico formado por blocos graníticos, no exterior do qual, pelo lado sul, se constatou a presença de um lajeado em xisto, segundo o relatório inédito do arqueólogo (*Idem* 1992) (Fig. 7).

Nos trabalhos de observação e descrição local do monumento, apoiados por desenhos e fotografias, foi-nos possível perceber a existência de um grande anel lítico que rodeava a área da câmara, constituído por lajes graníticas de maiores dimensões e bem imbricadas. No centro deste anel estava a câmara funerária, construída em fossa aberta na alterite xistenta de base, de planta ovalar, e com mais de 0,50 m no sentido oeste-este, segundo fotografia publicada por Pereira da Silva (2004). Esta foi coberta

2 Fotografias amavelmente cedidas pelo Centro de Arqueologia de Arouca onde se guarda parte da documentação de Fernando Pereira da Silva.

por uma tampa megalítica, em granito, disposta no sentido noroeste-sudeste, com 1,80 m de comprimento, por 1,10 m de largura e cerca de 23 cm de espessura máxima (Fig. 8).

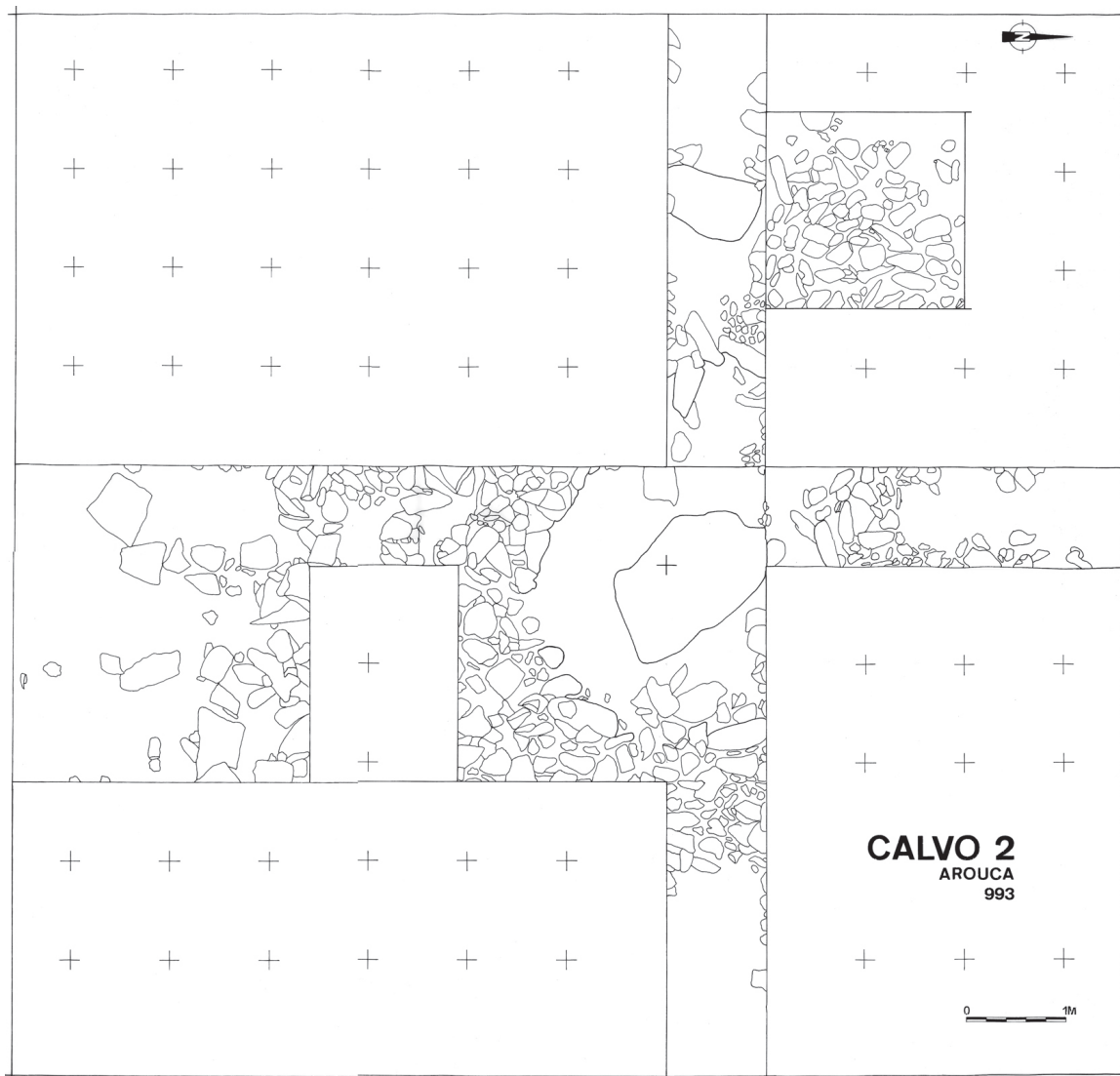


Figura 7. Planta final do monumento, onde se vê o lajeado a sul, o círculo que define a área central e a tampa da câmara, na sua posição original (seg. PEREIRA DA SILVA 1997).

Durante os trabalhos de campo verificámos que o tipo de granito desta tampa não existe na área envolvente do monumento, pelo que se supõe que terá sido transportada de outro local, embora possivelmente da serra da Freita³.

3 Agradecemos a classificação deste granito e do granito da área circundante ao Doutor Pedro Pimenta Simões do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho.



Figura 8. Tumulus de Monte Calvo 2/Lousedo 2, atualmente, e área central depois da escavação da fossa sepulcral, sendo possível verificar as suas dimensões reduzidas (seg. PEREIRA DA SILVA 2004).

Segundo Pereira da Silva (1997; 2004), daqui exumaram-se alguns fragmentos cerâmicos, tendo sido possível determinar que pertenciam a uma taça carenada. Desconhecemos se veio da câmara ou não, uma vez que foram identificados em contexto de provável violação, sendo por isso difícil perceber onde o recipiente terá sido originalmente depositado. Tentámos localizar os fragmentos com vista ao seu estudo, mas tal não foi possível. Algures no *tumulus* foi depositado um seixo rolado quartzítico e um nódulo de biotite.

Quanto a **Laceiras do Côvo 1/Alto das Laceiras**, pelas nossas observações é constituído por granito, quartzo, micaxisto e anfibolito. Parece conter um anel periférico composto por lajes de micaxisto enterradas de forma oblíqua para o interior, como se pode verificar a nascente do monumento. De acordo com Pereira da Silva (2004) tem cerca de 9 m de diâmetro e cerca de 0,50 m de altura (Fig. 9).

Na área central apresenta depressão resultante de uma provável violação. No entanto, pensamos que a câmara seria formada por uma pequena cista, em micaxisto, tendo em conta que a su-sudeste, sobre o *tumulus*, se detetou um amontoado de sete lajes de micaxisto de dimensões e de espessura similares que poderão ter resultado da sua destruição. Uma delas apresentava uma covinha.



Figura 9. Vista do quadrante oeste do monumento onde se podem observar os blocos de micaxisto na sua periferia (à esquerda) e algumas lajes de uma possível estrutura em cista (à direita) (Fot. de Ana M. S. Bettencourt).

Estas foram analisadas, fotografadas e medidas, relativamente ao seu comprimento, largura e espessura. As suas dimensões oscilam entre os 29 e 57 cm de comprimento, entre 25 e 39 cm de largura e entre 5 e 10 cm de espessura.

Laceiras do Côvo 2 corresponde a um monumento escavado por Pereira da Silva nos anos 90 do séc. XX, referenciado sumariamente por este autor (1997; 2004) e publicado monograficamente, recentemente (SÁ 2014b). Apresenta um



Figura 10. Monumento após a decapagem inicial e ainda com derrubes fora da sua área periférica. É possível verificar o anel lítico exterior formado por lajes de micaxisto fincadas de forma oblíqua (Fot. de Pereira da Silva²).

tumulus de pequenas dimensões. A prospeção por nós realizada permitiu relocalizar a estrutura e efetuar novas medidas, as quais revelaram que possui cerca de 3,80 m de diâmetro por cerca de 0,40 m de altura. Desta forma, foi possível perceber que é pouco perceptível em termos de relevo na paisagem, embora a sua quantidade de quartzo o torne visível (Fig. 10). É constituído, essencialmente, por

quartzos leitosos depositados no interior de um anel periférico constituído por lajes de micaxisto, dispostas de forma oblíqua para o interior, pormenor este já referido (PEREIRA DA SILVA 2004).

Algo descentrada da massa tumular foi descoberta uma provável câmara em cista, muito destruída, formada por lajes de xisto (*Idem* 1996; 2004). A sua altura teria pouco mais de 20 cm, tendo em conta a laje encontrada *in situ*. Não foi identificada qualquer oferenda (Fig. 11).

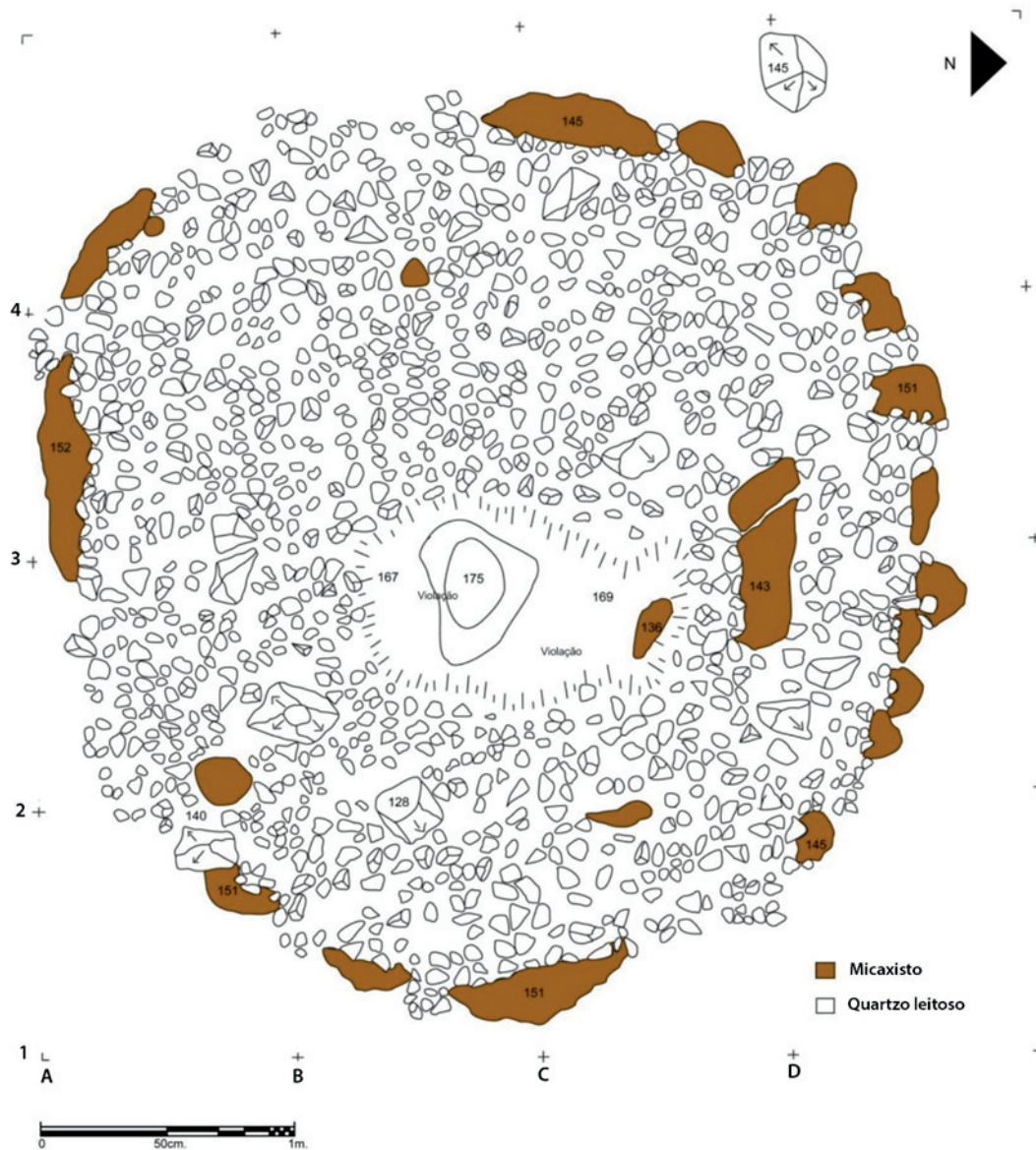


Figura 11. Planta final de Ladeiras do Covo 2, com esteio localizado a nor-nordeste (seg. SÁ 2014b).

A escavação de **Ladeiras do Covo 3** foi efetuada apenas em 2013 (SÁ 2014a). Dada a sua semelhança formal com o de Ladeiras do Covo 1 e 2, pretendia-se datá-lo, para melhor podermos contextualizar cronologicamente os outros similares. Infelizmente tal não foi possível por não existir matéria orgânica passível de datação radiométrica.

A intervenção ao monumento revelou um *tumulus* de contorno praticamente circular, com cerca de 3.70 m no eixo este-oeste, 3.74 m no eixo norte-sul e 0.40 m de altura. O seu montículo era formado maioritariamente por quartzos leitosos, por alguns quartzos alaranjados, turmalinitos e por micaxistos, inseridos no interior de um anel periférico formado por blocos de micaxisto, colocados de forma ligeiramente oblíqua para o interior, como estratégia de contenção da estrutura. Algumas lajes de micaxisto dispostas no interior do *tumulus* indicam a existência de um possível segundo anel, embora perturbado a este pela violação do monumento (*Idem* 2014a; SÁ *et al.* 2014) (Fig. 12).

A escavação do monumento permitiu identificar as seguintes unidades estratigráficas:

A **unidade estratigráfica (UE) 00**, a primeira a ser removida, corresponde à camada humosa. Abrange o topo do montículo do monumento, bem como a sua área periférica. Tinha uma coloração castanha e amarelada, em determinadas zonas, resultado da deterioração do xisto de base. Apresentava composição limosa, com pouca compacidade. Alguns calhaus e blocos de micaxisto, quartzo, etc. deslocados do *tumulus* ou fazendo parte do seu derrube ou violação foram considerados como pertencentes a esta UE. Existiam, igualmente, raízes, radículas e carvões de incêndios recentes.

Na segunda decapagem do monumento e após a remoção dos calhaus e blocos descontextualizados, surgiu a **UE01**. Esta circunscreve-se à área interior do *tumulus* e nela incluem-se surgindo nesta fase mais calhaus de quartzo que se encontravam tapados pela camada vegetal. Desta forma, foi possível confirmar os limites do monumento em si.

A **UE02** corresponde ao *tumulus*, com terras mais compactas do que as da UE anterior e com uma coloração mais amarelada. Tinha muitas inclusões de blocos e calhaus de micaxisto, de quartzo leitoso, e de turmalinitos com níveis finos de quartzo.

A **UE03** encontra-se na zona central do monumento. Apresentava coloração negra, composição limosa e alguma compacidade. A sua coloração resultou de um incêndio recente ocorrido na região. Tinha, portanto, inclusões de carvões e de raízes queimadas.

A **UE04** surgiu depois da remoção da camada de incêndio, na zona central do monumento. Era bastante compacta, de composição arenosa e de coloração cinzenta. Tratou-se de um estrato pouco significativo e resultante, ainda, de sedimentos perturbados pelo referido incêndio. Tinha inclusões de alguns calhaus de quartzo.

A **UE05** foi a penúltima camada a ser registada na área central. Apresentava coloração castanha escura, menor compacidade do que a anterior e composição mais limosa. Aqui surgiram fragmentos muito pequenos de xisto e de alguns carvões concentrados. Os calhaus de quartzo aqui presentes ocorriam até ao substrato geológico e encontravam-se desordenados, o que faz levantar a hipótese de que seriam resultado de escorrências do *tumulus* aquando da violação da área central. Alguns destes quartzos, especialmente os que surgiram nos quadrados E4 e E5, pela sua dimensão destacada em relação aos outros, poderiam ter funcionado como contrafortes de uma possível câmara em cista, facto que o demasiado revolvimento da área da câmara não permite confirmar.

As **UE's 06a** e **06b** são idênticas mas surgiram em duas áreas distintas, se bem que muito próximas, na base da área central e nas imediações dos perfis norte-sul, e oeste-este, respetivamente. Trata-se de uma terra amarelada, muito argilosa e de grande compactidade.

A **UE06c** é idêntica às unidades 06a e 06b. É visível nos limites do monumento e na base de grandes blocos de micaxisto, servindo-lhes de suporte e que nela se fincam de forma oblíqua.



Figura 12. *Tumulus* de Laceiras do Côvo 3 após a decapagem e escavação da área central.

A área central do monumento revelou-se muito revolvida, resultado da sua violação, pelo que a sua interpretação não é isenta de dúvidas. No entanto, a identificação, nos quadrados D3 e D4, de uma laje de micaxisto *in situ*, disposta na vertical, calçada com dois pequenos calhaus, também de micaxisto, e assente na camada de argila que cremos de preparação do local onde se implantou o monumento, levou a considerá-la como um possível esteio de uma pequena cista, que aqui teria existido (SÁ 2014a; SÁ *et al.* 2014).

Pelas dimensões desta laje –cerca de 32 cm de altura–, a câmara não poderia ser muito alta. Pela sua disposição no monumento, algo descentrada, assim como pela disposição dos quartzos do *tumulus* que aparentam estar *in situ*, a cista poderia ter sido retangular e com uma orientação de nordeste para sudoeste ou de noroeste para sudeste (Fig. 13).

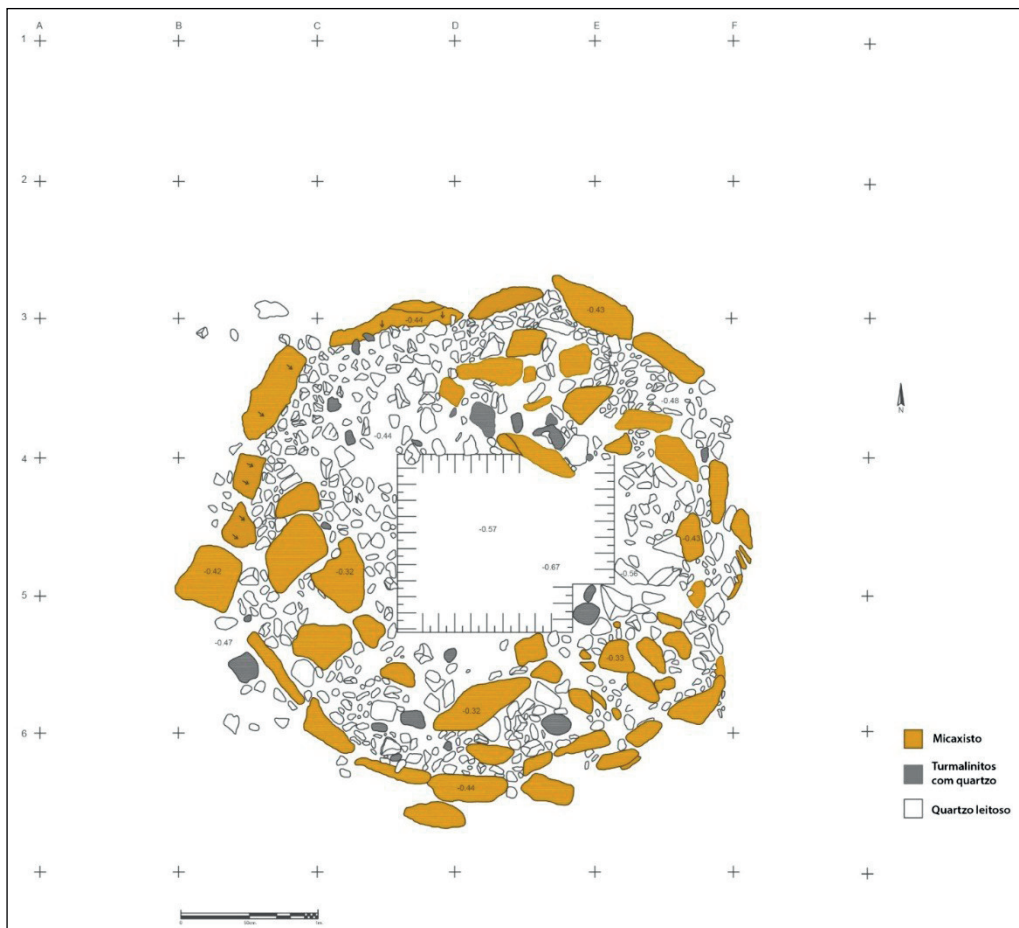


Figura 13. Planta geral do monumento com a localização, na área central, de um possível esteio, (seg. SÁ 2014a; SÁ et al. 2014).

O monumento de **Laceiras do Côvo 4** corresponde a uma estrutura muito perturbada por revolvimentos do solo e do afloramento xistoso de base que foram colocados, em parte, sobre ele. A posição mais ordenada e homogénea de alguns calhaus e blocos de micaxisto leva-nos a considerar que esta matéria-prima seria predominante no *tumulus*, embora existissem alguns calhaus de quartzo (Fig.14).



Figura 14. *Tumulus* de Laceiras do Côvo 4.

Laceiras do Côvo 5 trata-se de um monumento inédito, identificado em prospeção e pouco perceptível, apresentando um *tumulus* com cerca de 6,70 m, no sentido norte-sul, e 6,20 m no sentido este-oeste, com cerca 40 cm de altura. Caracteriza-se por uma forma sensivelmente circular definida por grandes blocos de quartzo descontínuos. No seu interior há um segundo círculo, também definido por blocos mais pequenos de quartzo e de micaxisto (Fig. 15). A estrutura tumular não foi alvo de escavação.



Figura 15. *Tumulus* de Laceiras do Côvo 5.

O **Alto do Gralheiro 1/Pico do Gralheiro 1/Cabrum 1⁴** foi um monumento identificado em prospeção por Pereira da Silva e, posteriormente, descrito por outros autores (QUEIROGA 2001; SILVA *et al.* 2009), mas nunca escavado. A estrutura apresenta, aproximadamente, 3,5 m no sentido norte-sul, e cerca de 0,50 m de altura. Foi parcialmente cortado pelo caminho, no quadrante oeste. O que se nota, atualmente, são micaxistos muito fragmentados e quartzos (Fig. 15). Também o **Alto do Gralheiro 2/Pico do Gralheiro 2/Cabrum 2⁴** foi referido, pela primeira vez, por Pereira da Silva (1996), descrito por Francisco Queiroga (2001) e relocalizado anos mais tarde (SILVA *et al.* 2009). O *tumulus* encontra-se destruído, quase pela metade, pela abertura de um caminho de terra batida. Pode observar-se, ainda, a existência de um anel lítico intermitente de quartzo a norte e a nordeste. Os quartzos de médias dimensões predominam em todo o *tumulus* (Fig. 16).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

Partindo de uma análise geral, os nove monumentos sob *tumuli* em estudo, parecem atender a um universo ideológico comum que os distingue cronológica e culturalmente das anteriores sepulturas megalíticas do Neolítico, tanto pelas suas características arquitetónicas (mais pequenos, mais baixos, com câmaras não megalíticas) como pelo tipo de espólio funerário ou pela ausência do mesmo.

4 Designação dada ao local por alguns residentes do lugar de Felgueira, freguesia de Arões, concelho de Vale de Cambra.

Apesar da ausência de datações radiométricas (dado que a fuligem existente na cerâmica de Monte Calvo 1 não era suficiente para datação por AMS e que não conseguimos encontrar matéria orgânica passível de datar Laceiras de Covo 3), por paralelos com outros monumentos similares já datados, existentes no Norte e Centro-Norte de Portugal, nomeadamente no Alto Paiva (CRUZ, 2001) e nas serras da Aboboreira (JORGE 1980) e do Carvalho (VILAS BOAS 2013), considerámos que se podem inserir genericamente na Idade do Bronze. Esta cronologia também é concordante com as formas cerâmicas identificadas em Monte Calvo 2: a taça carenada, forma desconhecida antes da Idade do Bronze para o Centro Norte e Norte de Portugal. De salientar, ainda, a proximidade (menos de 500 m) de cinco monumentos deste conjunto, na envolvente de uma jazida secundária de cassiterite, nomeadamente Laceiras do Covo 3, 4 e 5 e Alto do Gralheiro 1 e 2, pelo que alguns deles poderão ser do Bronze Médio ou Final, momento a partir do qual se conhece a metalurgia do bronze. Tal também é concordante com o monumento da Casinha Derribada 3, em cuja fossa sepulcral foram depositados 4 recipientes cerâmicos, dois deles caracterizados tipologicamente como taças fundas de carena alta (CRUZ *et al.* 1998), e com os da Senhora da Ouvida (CRUZ e VILAÇA 1999), concelhos de Viseu e Castro Daire, respetivamente, que se balizam cronologicamente no Bronze Médio e Final e que são os mais similares com os de Laceiras do Covo 2 e 3.

Por comparação com outras necrópoles deste período, foi possível verificar que os monumentos de Monte Calvo/Lousedo 1 e 2 são muito similares em termos de diâmetro, características arquitetónicas e matéria-prima predominante (granito) com os monumentos escavados na Serra da Aboboreira e na Serra do Carvalho. Referimo-nos, concretamente, às estruturas funerárias de Outeiro de Gregos 1 (JORGE 1980), cujas datações efetuadas apontam para uma cronologia inserida entre os finais do séc. XVIII e o séc. XVII a.C., e de Meninas do Crasto 4, datado radiometricamente de finais do III milénio (*Idem* 1983 e 1993; JORGE *et al.* 1988), bem como ao monumento de Vale de Chão 1, na Serra do Carvalho, Braga (VILAS BOAS 2013) também do Bronze Inicial (finais do séc. XX até meados do séc. XVIII a.C.).

Por outro lado, no que concerne aos monumentos de Laceiras do Covo 1, 2 e 3, os seus diâmetros e morfologia são bastante distintos dos supracitados, apresentando características que os aproximam mais das necrópoles da Senhora da Ouvida (CRUZ e VILAÇA, 1999) e da Casinha Derribada (CRUZ *et al.* 1998) onde as suas dimensões são igualmente mais reduzidas, a planta é predominantemente circular, o quartzo é igualmente o elemento litológico predominante e a solução construtiva de contenção periférica é também muito similar. Mencionamos concretamente o *tumulus* 7 da Senhora da Ouvida, cuja datação efetuada revelou uma cronologia inserida entre os séculos XIV a XII a.C., correspondendo, portanto, aos finais do Bronze Médio e possivelmente utilizado até à fase final da Idade do Bronze (CRUZ e VILAÇA 1999), e o *tumulus* 2 da Casinha Derribada, que a par do restante conjunto tumular revelou uma cronologia incluível entre os séculos XV e XIII a. C. (CRUZ *et al.* 1998). Assim sendo, com a análise comparativa efetuada a estes dados colocamos a hipótese de trabalho de que os monumentos de maior dimensão, como Monte Calvo/Lousedo 1 e 2, talvez fossem mais antigos e os mais pequenos e baixos, como Laceiras do Covo 1, 2 e 3, mais recentes. No entanto, devido à

impossibilidade de efetuar datações ao núcleo em estudo, apresentamos estes paralelos com as devidas reservas.

Em **termos arquitetónicos** distinguimos, pelo menos, quatro grupos ou tradições construtivas numa organização provisória, pois nem todos foram escavados (Tab. 1).

O grupo 1, onde inserimos Monte Calvo/Lousedo 1 e 2, constituídos por montículos de maior dimensão, maioritariamente compostos por granito e disposição aleatória dos seus componentes. Usaram ambas as rochas não existentes exclusivamente nas proximidades, ou seja, ambas tinham nos *tumuli*, a deposição de um nódulo de biotite, proveniente do granito da Castanheira, que fica a cerca de 1 km para noroeste, e o túmulo 2 continha, além de um seixo quartzítico, que deverá ter vindo do rio Caima, uma tampa da câmara de um tipo de granito que não ocorre nas imediações. A única característica arquitetónica que os distingue está na sua área sepulcral, tendo um dos túmulos uma cista e o outro, uma fossa (Fig. 16).



Figura 16. Grupo 1: monumentos de Monte Calvo 1/Lousedo 1 e de Monte Calvo 2/Lousedo 2.



O grupo 2, onde introduzimos Ladeiras do Côvo 1, 2 e 3, apresenta montículos com anel periférico similar, tendo, todos eles, lajes de micaxisto enterradas de forma oblíqua para o interior e grande acumulação de quartzo no seu interior. Em todos os casos as câmaras funerárias parecem ter sido em cista (Fig. 17).



Figura 17. Grupo 2: Monumentos de Ladeiras do Côvo 3 e 2.

O grupo 3 é constituído por Ladeiras do Côvo 5 onde predominam os grandes blocos de quartzo. No grupo 4 está inserido o *tumulus* de Ladeiras do Côvo 4, monumento onde predominam os calhaus e blocos de micaxisto.

Os restantes monumentos (Pico do Gralheiro 1/Cabrum 1 e Pico do Gralheiro 2/Cabrum 2) pela sua perturbação, não são por ora, passíveis de inclusão em nenhum grupo arquitetónico específico.

Tabela 1. Matérias constituintes dos monumentos

Designação	Granito	Micaxisto	Quartzo leitoso	Turma-linitos c/ quartzo	Nódulo biotite	Seixo rolado quartzítico
Monte Calvo/Lousedo 1	x	x	x		x	
Monte Calvo/Lousedo 2	x	x	x		x	x
Ladeiras do Côvo 1/ Alto das Ladeiras		x	x			
Ladeiras do Côvo 2		x	x			
Ladeiras do Côvo 3		x	x	x		
Ladeiras do Côvo 4		x	x			
Ladeiras do Côvo 5			x			
Alto do Gralheiro/ Cabrum 1		x	x			
Alto do Gralheiro/ Cabrum 2			x			

A análise pormenorizada destes grupos construtivos permitiu-nos perceber, além dos denominadores comuns, um universo sepulcral complexo, caracterizado por uma diversidade tumular, dentro deste vasto período cronológico-cultural. Tal indicia que este conjunto de *tumuli* foi construído, provavelmente, por um período de tempo dilatado e por diferentes comunidades com distintas tradições construtivas.

Assim, esta necrópole poderá resultar de processos de construção descontinuada no tempo, embora a recorrência de uso deste lugar para práticas funerárias revele que ele se terá mantido simbolicamente ativo por um vasto período de tempo. A este propósito é curiosa a lenda, recolhida junto das populações locais durante os nossos trabalhos de recolha, que interpreta alguns destes *tumuli* como sepulturas de vacas, ali enterradas quando morriam vítimas dos raios da trovoada, e cobertas com pedras a fim de as manter longe do alcance dos lobos e dos cães. Tal revela que este lugar e estas estruturas permaneceram ativas na “memória folk”, associados à simbologia da morte e da pastorícia.

No que refere aos **modos de vida e a cosmologia das populações** que construíram estes monumentos, partimos das premissas teóricas de que os túmulos representam microcosmos das comunidades (PEARSON 1999) e de que os seus locais de implantação e os seus elementos construtivos não terão sido aleatórios mas obedeceriam a normas sociais e a condutas comportamentais específicas (INGOLD 2000).

Em termos espaciais, no âmbito do estudo que levámos a cabo, as características que mais sobressaem são: o facto de os monumentos se encontrarem em lugares de contacto entre o granito e o xisto, sendo profícuos em ocorrências de quartzo; implantados em locais com solos magros e pedregosos; nas proximidades de lameiros; em lugares naturais de passagem entre os vales e o topo da serra; em lugares com boa visibilidade para os planaltos da serra, para os vales circundantes e para o mundo exterior; na proximidade de recursos de cassiterite de coluvião de fácil extração; em lugares usados tradicionalmente na prática de pastorícia.

Deste modo, quanto aos modos de vida, os solos pobres e pedregosos que se encontram na área dos monumentos fazem-nos colocar a hipótese de que a prática da agricultura seria nula ou quase inexistente, sendo esta área mais propícia à pastorícia, muito provavelmente em redor dos lameiros que existem nas imediações. Dada a inexistência de dados arqueológicos nesta necrópole que comprovem esta hipótese, apoiámo-nos, quer nos estudos paleoclimáticos efetuados para este período⁵, quer na análise de distribuição espacial deste tipo de arquiteturas, em consonância com o modo de vida e perceção do mundo das comunidades que lhes estavam associadas, efetuada por Ana Bettencourt (1997; 2009; 2010). A autora defende, nos trabalhos citados, que estas estruturas se localizavam quase sempre em zonas montanhosas, em solos com pouca potência agrícola mas mais favoráveis à prática da pastorícia, propondo, deste modo, que teriam sido construídas e fruídas por comunidades que se deslocariam periodicamente ao planalto para a prática de pastoreio comunitário, em época estival, onde a permanência em altitudes elevadas poderia ser tolerada. De facto, a prática da Transumância na

5 Está corroborado no NW da Península Ibérica, por dados geoquímicos provenientes de turfeiras, um período de Neoglaciação similar ao existente na Europa, com temperaturas entre 2 °C e 2,5 °C mais baixas do que as atuais, embora com oscilações, entre os finais do IV e os finais do II milénios AC (MARTÍNEZ-CORTIZAS *et al.* 2009). A reconstrução das paleotemperaturas indica que a descida foi constante até c. 2.500 AC, momento a partir do qual se verifica um ligeiro aumento térmico, de novo interrompido por um período mais frio, na segunda metade do II milénio AC, entre 1.600/1.400 a 1.200 AC. Durante o Bronze Final, deu-se novo aumento das temperaturas (FÁBREGAS *et al.* 2003, MARTÍNEZ-CORTIZAS *et al.* 2009). As precipitações, que teriam aumentado na segunda metade do III milénio AC, teriam diminuindo a partir de então até 1.400/1.300 AC (FÁBREGAS *et al.* 2003, MARTÍNEZ-CORTIZAS *et al.* 2009).

Serra da Freita está documentada, tendo ocorrido na região até pelo menos à década de 1920, bem como a *adua*, termo local que se refere a um sistema ancestral de pastoreio comunitário (GIRÃO 1922). Outro indício da importância do gado para estas populações recai na laje contendo a gravura de podomorfo de bovino, fincada no montículo de Monte Calvo 1/Lousedo 1. De notar, igualmente, que os locais de implantação dos monumentos, correspondem, ainda hoje, a rotas tradicionais de pastorícia, cuja origem se perde na memória da população local.

Também a grande proximidade de alguns monumentos tumulares com cassiterite de coluvião muito fácil de explorar⁶, a algumas dezenas de metros, no caso dos *tumuli* de Ladeiras do Côvo 3 e 4 e Pico do Gralheiro 1 e 2, e a menos de 1 km no caso dos restantes (Fig. 18), permite colocar a hipótese de que alguns construtores destes monumentos poderiam ter sido metalurgistas, talvez a par com a actividade pastoril.

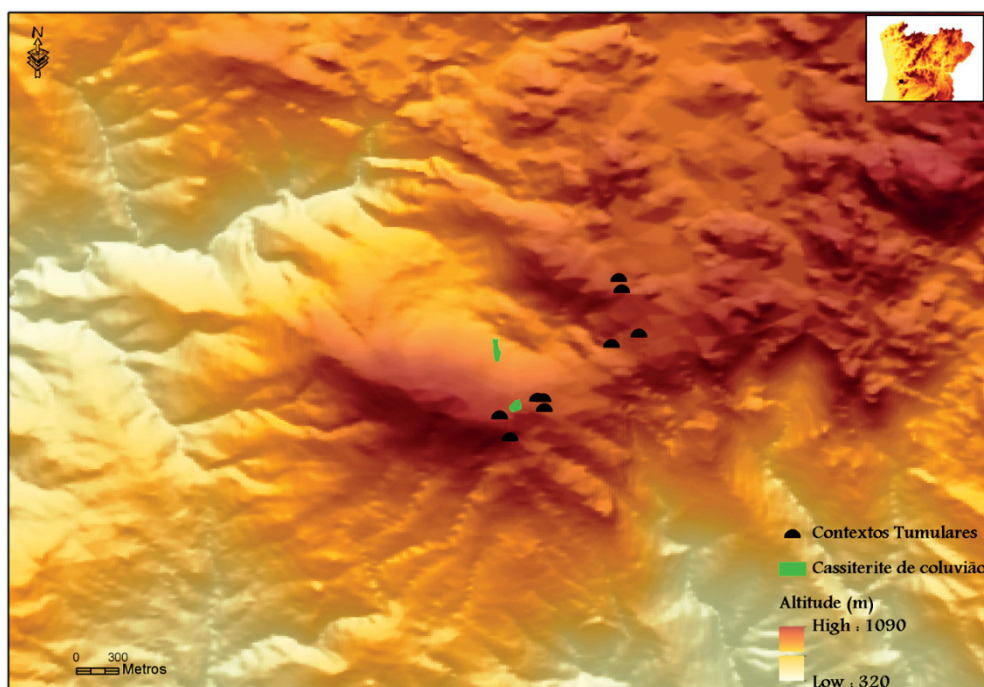


Figura 18. Localização dos *tumuli* e da área de extração de cassiterite de coluvião (a verde).

Quanto ao universo de crenças parece-nos relevante a presença das “pedras parideiras” em dois túmulos, a revelar uma ligação simbólica entre o seu local de origem e os ritos pré-históricos relacionados com a morte (Fig. 19).

6 Embora na Carta Geológica de Portugal 13-D - Oliveira de Azeméis não esteja marcada nenhuma ocorrência de cassiterite, o testemunho de antigos mineiros comprovaram a referida ocorrência mineral a menos de 1km dos túmulos, provavelmente em depósitos coluvionares. Atualmente, ainda se podem observar testemunhos dessa antiga actividade mineira ocorrida nos anos 40 do século XX, segundo entrevista efetuada a moradores no lugar da Felgueira. Do lado direito e esquerdo da estrada municipal que dá acesso à aldeia da Castanheira, nas proximidades dos monumentos, ainda é possível ver cortas e a escombreira da lavaria. Agradecemos a informação ao Professor Doutor Pedro Pimenta Simões, do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho, que nos acompanhou nos trabalhos.

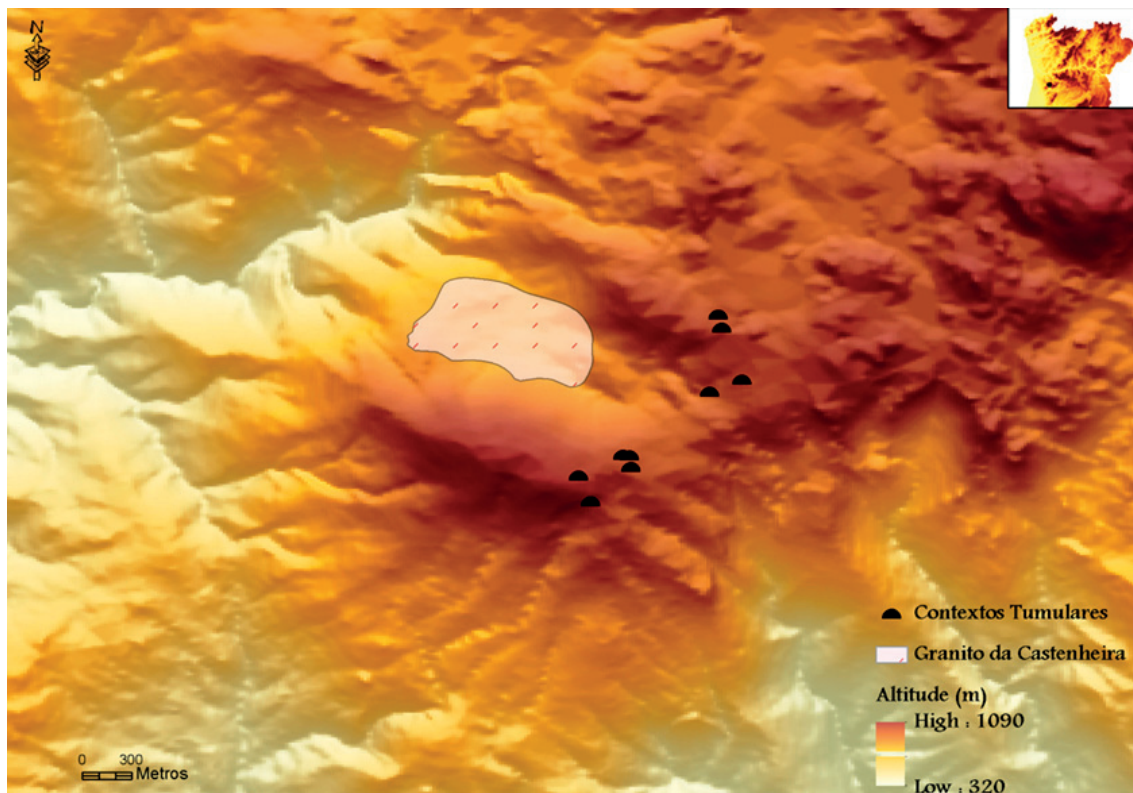


Figura 19. Localização do granito nodular da Castanheira onde ocorrem as –pedras parideiras– e dos *tumuli* de Monte Calvo 1 e 2/Lousedo 1 e 2 (dentro do círculo).

Do mesmo modo, a existência de um seixo rolado proveniente do rio, parece estabelecer uma relação simbólica entre a morte e o universo das águas (BETTENCOURT *et al.* 2013) Tal parece revelar um aparente diálogo entre os elementos do mundo natural e o universo ideológico dos construtores dos monumentos, pelo que estes elementos não seriam simples matéria-prima construtiva mas portadores de determinadas propriedades e simbolismo, cujo significado mais profundo desconhecemos. É também de registar a importância dos quartzos leitosos presentes em todos os monumentos, que conferem brilho quando aí incide a luz solar ou lunar revelando a intencionalidade destes monumentos serem vistos, não obstante a sua pequena volumetria, ideia já defendida por vários autores (PEREIRA DA SILVA 1997; CRUZ 1997, 2001; VILAÇA e CRUZ 1999). Perspetivam, deste modo, uma morte para ser visível no âmbito das dinâmicas do quotidiano, bem como o reflexo da importância da memória dos antepassados enquanto parte integrante do sistema de crenças destas comunidades, que cremos, constituiria o principal motor da construção e manutenção da sua identidade coletiva. (PEARSON 1999).

Também a localização espacial destes túmulos, onde se privilegia a liminaridade (BETTENCOURT 2010) em várias aspetos, deverá ser assumida como intencional (Fig. 20).

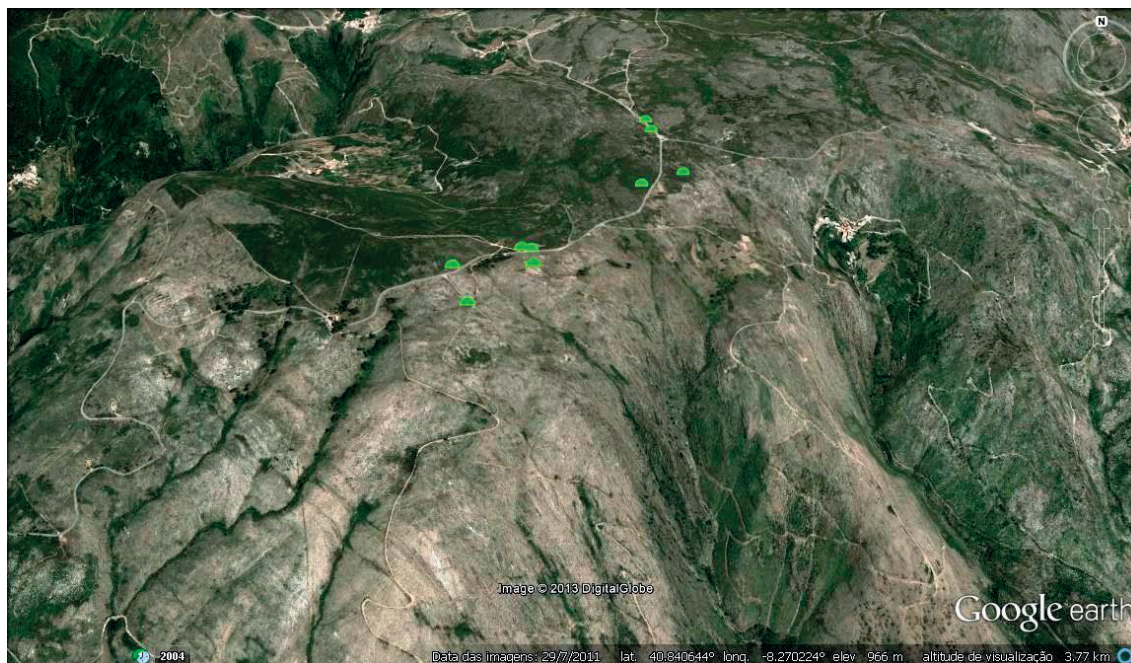


Figura 20. Distribuição dos monumentos ilustrando a sua inter-relação com a linha de cumeeada, interflúvios e área de encruzilhadas, efetuada a partir do Google Earth.

A liminaridade está presente no encontro entre diferentes tipos de rochas e de minerais; no encontro entre os cumes da serra e o céu; nas divisórias de águas e nas encruzilhadas ou lugares de passagem. Tal permite colocar a hipótese de que o lugar de construção do túmulo projeta simbolicamente a liminaridade ou transição da vida humana, a passagem de um mundo para o outro, o encontro entre a vida e a morte.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto *Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados - ENARDAS* (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e comparticipados pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

Agradece-se ao Centro de Arqueologia de Arouca, na pessoa de António Manuel P. Silva, todas as facilidades concedidas na consulta da documentação de Fernando Pereira da Silva. Agradece-se ao arqueólogo Filipe Soares Pinto o auxílio prestado na elaboração deste artigo.

BIBLIOGRAFIA

- AGUADO, B.V.; AZEVEDO, M.R.; SCHALTEGGER, U.; MARTÍNEZ CATALÁN, J.R.; NOLAN J. 2005. "U-Pb zircon and monazite geochronology of Variscan magmatism related to syn-convergence extension in Central Northern Portugal", *Lithos* 82 (1-2): 169-184.

- BETTENCOURT, A. M. S. 1997. “Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste Peninsular”. *Atas do II Congresso de Arqueologia Peninsular, Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Tomo 2. Zamora. Fundación Rei Afonso Henriques: pp. 621-631.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2009. Burials, corpses and offerings in the Bronze Age of NW Iberia as agents of social identity and memory. In: Ana M.S. Bettencourt, M. Jesus Sanches, Lara B. Alves & Ramón Fábregas Valcarce (eds.), *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe. Proceedings of the 15th Congress of the International Union of Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006*, BAR International Series, Ed. Archaeopress, Oxford: pp. 33-45.
- BETTENCOURT, A. M. S. 2010. “La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: una análisis a partir de las prácticas funerarias”, *Trabajos de Prehistoria* 67 (1): pp. 139-173.
- BETTENCOURT, A. M. S.; SAMPAIO, H. A. & SÁ, E. 2013. “Enterrar os mortos, encenar e vida e interpretar o mundo. Uma perspetiva através das práticas funerárias da Idade do Bronze do Noroeste da Ibéria”. Mesa-Redonda *A Morte Protegida: Discursos Arqueográficos e Discursos Mentais - Modalidades Funerárias na Pré-História Recente*, Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, Associação Cultural da Beira Serra - Serra Mãe e Associação de Estudos do Alto Tejo, Biblioteca Municipal António Botto, Abrantes, Portugal, 11 de maio de 2013. Livro de Resumos.
- BRADLEY, R. 2000. *An Archaeology of Natural Places*. London and New York: Routledge.
- CRUZ, D. J. 1997. “A necrópole do Bronze Final do Paranho (Moledos, Tondela, Viseu)”, *Estudos Pré-históricos* 5: pp. 263-270.
- CRUZ, D. J. 2001. *O Alto Paiva: Megalitismo, Diversidade Tumular e Práticas Rituais Durante a Pré-história Recente*, 2 vols. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Tese de doutoramento - policopiada).
- CRUZ, D. J.; GOMES, L.F.G.; CARVALHO, P.M.S. 1998. “O grupo de *tumuli* da Casinha Derribada (Concelho de Viseu)”, *Conímbriga*, 37: pp. 5-76.
- CRUZ, D. J. e VILAÇA, R. 1999. “O grupo de *tumuli* da “Senhora da Ouvida” (Monteiras/Moura Morta, Castro Daire, Viseu). Resultados dos trabalhos arqueológicos”, *Estudos Pré-históricos*, 7: pp. 129-161.
- FÁBREGAS R.; MARTÍNEZ-CORTIZAS A.; BLANCO R.; CHESWORTH W. 2003. “Environmental change and social dynamics in the second-third millennium BC in NW Iberia”, *Journal of Archaeological Science* 30: pp. 859-871.
- GIRÃO, A. A. 1922. *Bacia do Vouga. Estudo geográfico*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- INGOLD, T. 2000. *The perception of the environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. Londres/Nova Iorque: Routledge.
- JORGE, V. O. 1980. “Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, Serra da Aboboreira, Baião”, *Portugalia*, 1 (Nova série): 9-28.
- JORGE, V. O. 1983. “Escavação das mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto. Serra da Aboboreira, Baião”, *Arqueologia*. Porto. 7, pp. 23-39.
- JORGE, V. O. 1993. “Novas datas de C14 para estações pré-históricas do Norte de Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras - Histórica*. 2^a série 10: 417-432.
- JORGE, V. O.; ALONSO, F. & DELIBRIAS, G. 1988. “Novas datas de Carbono 14 para as mamoas da Serra da Aboboreira, Baião”, *Portugália* 1 (nova série): pp. 9-28.
- MARTÍNEZ-CORTIZAS A.; COSTA-CASAS M.; LÓPEZ-SÁEZ J. 2009. “Environmental change in NW Iberia between 7000 and 500 cal BC”, *Quaternary International* 200 (1-2): pp. 77-89.
- PEARSON, M. P. 1999. *The Archaeology of Death and Burial*. Great Britain: Sutton Publishing Limited.
- PEREIRA DA SILVA, F. A. 1991. *Relatório da Escavação Arqueológica da Mamoa 1 de Monte Calvo (Albergaria da Serra, Arouca) - 1991*. Oliveira de Azeméis.
- PEREIRA DA SILVA, F. A. 1992. *Relatório da Escavação Arqueológica da Mamoa 2 de Monte Calvo (Albergaria da Serra, Arouca) - 1992*. Oliveira de Azeméis.

- PEREIRA DA SILVA, F. A. 1996. *Relatório da Escavação Arqueológica da Mamoa 2 de Ladeiras do Covo (Arões, Vale de Cambra) - 1996*. Oliveira de Azeméis.
- PEREIRA DA SILVA, F. A. 1997. “Contextos funerários da Idade do Bronze nos planaltos centrais do Centro-Norte Litoral Português: tradição ou inovação?” En: R. Balbín Berhmann; P. Bueno Ramírez (eds.), *Atas do II Congresso de Arqueologia Peninsular. Neolítico, Calcolítico y Bronce (Zamora 1996)*. Vol. 2. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques, 605-620.
- PEREIRA DA SILVA, F. A. 2004. “Megalitismo e tradição megalítica no concelho de Arouca: três mil anos de arquitectura funerária” In A.M.S.P. SILVA (coord.) *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal, pp. 44-203.
- QUEIROGA, F. M. 2001. *Inventário patrimonial de Vale de Cambra. I – Arqueologia*. Vale de Cambra: Câmara Municipal.
- SÁ, E. 2014a. *Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na Serra da Freita, (Centro-Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- SÁ, E. 2014b. “O monumento sob *tumulus* da Idade do Bronze de Ladeiras do Covo 2 (Vale de Cambra - Centro-Norte de Portugal)”. En: A.M.S. Bettencourt, B. Comendador Rey, H.A. Sampaio; E. Sá (eds.) *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. APEQ, CITCEM.
- SÁ, E.; BETTENCOURT, A.M.S.; SIMÕES, P.P. 2014. “Arquiteturas funerárias, materiais de construção e interação com o espaço na Idade do Bronze da Serra da Freita (Centro-Norte de Portugal). O caso do *tumulus* de Ladeiras do Covo 3, Vale de Cambra”. *Estudos do Quaternário* 10: pp. 25-33.
- SILVA, A. M.; LEITE, J. N.; ROCHA, D. 2009. “Do espaço vivido ao espaço imaginado. Aproximações interdisciplinares à antropização dos planaltos da Freita (Arouca) do 3º ao 1º milénio a.C.” En: A.M.S. Bettencourt & L.B. Alves (eds.) *Dos Montes, das Pedras e das Águas. Formas de Interação com o Espaço Natural da Pré-história à Atualidade*. Braga: CITCEM, APEQ, pp. 95-114.
- ROCHA, D. M. T. 2008. *Inventariação, Caracterização e Avaliação do Património Geológico do Concelho de Arouca*. Braga: Universidade do Minho (dissertação de Mestrado).
- VILAS BOAS, L. 2013. “Vale de Chão 1, Braga. Um *tumulus* da Idade do Bronze no Noroeste português”, *Estudos do Quaternário*, 10: pp. 15-23.
- VILAÇA, R. e CRUZ, D.J. 1999. “Práticas funerárias e culturais dos finais da Idade do Bronze na Beira Alta”, *Arqueologia* 24: pp. 74-99.